

Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A Importância da Arqueologia na Pesquisa Acadêmica

batistapioneira.edu.br

III Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2025.v3.013



**Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**

A CONVERSÃO DO IMPERADOR ROMANO CONSTANTINO: UM ATO DE FÉ OU UMA ESTRATÉGIA POLÍTICA?

The conversion of the roman emperor Constantine: an act of faith or a political strategy?

Alexandre Ricardo do Carmo¹

RESUMO

A conversão do imperador Constantino ao cristianismo é um dos eventos mais importantes na história da igreja. No entanto, muitos historiadores debatem se sua adesão à nova fé foi genuína ou se tratou de uma estratégia política para fortalecer o Império Romano. O trabalho analisa o contexto histórico das perseguições aos cristãos pelos imperadores até a ascensão de Constantino ao poder, sua participação no movimento cristão e suas ações pessoais para que assim, seja possível entender as motivações que o levaram a conversão. Os argumentos a favor descrevem que Constantino demonstrou apoio duradouro ao cristianismo, promoveu sua expansão e interferiu em questões doutrinárias. Isso sugere que ele realmente acreditava no Cristianismo. Já os argumentos contrários a essa conversão, alegam uma estratégia política, pois os seguidores de Cristo estavam crescendo no Império, e Constantino precisava de um fator unificador. Sua conversão teria sido mais um cálculo político para garantir a estabilidade do Império Romano. O objetivo é ter informações suficientes para entender se houve um processo autêntico de conversão ao senhorio de Cristo ou foi uma articulação política bem pensada para manter a ordem e o domínio romano.

Palavras-chave: Conversão. Constantino. Cristianismo.

¹ O autor é Diácono na Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo na cidade de Ijuí/RS. Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira de Ijuí/RS. Pós-graduado em Teologia pela Uniasselvi. Mestrando Profissional em Teologia pela FABAPAR. Empresário no ramo de tecnologia e informação com ênfase em sistema de automação comercial. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5477-6860> E-mail: alexandre@jainformatica.com

ABSTRACT

Emperor Constantine's conversion to Christianity is one of the most important events in the history of the church. However, many historians debate whether his adherence to the new faith was genuine or whether it was a political strategy to strengthen the Roman Empire. This paper analyzes the historical context of the persecution of Christians by the emperors until Constantine's rise to power, his participation in the Christian movement, and his personal actions in order to understand the motivations that led him to convert. The arguments in favor describe that Constantine demonstrated lasting support for Christianity, promoted its expansion, and interfered in doctrinal issues. This suggests that he truly believed in Christianity. The arguments against this conversion, on the other hand, allege that it was a political strategy, since the followers of Christ were growing in the Empire, and Constantine needed a unifying factor. His conversion would have been more of a political calculation to ensure the stability of the Roman Empire. The goal is to have enough information to understand whether there was an authentic process of conversion to the lordship of Christ or whether it was a well-thought-out political maneuver to maintain order and Roman rule.

Keywords: Conversion. Constantine. Christianity.

INTRODUÇÃO

A figura do Imperador Romano Constantino, ocupa um lugar central na história do cristianismo e do Império Romano. Seu reinado marcou uma mudança radical na história da fé cristã: de uma religião marginalizada e perseguida para uma posição de prestígio e, mais tarde, oficialidade. A partir do Édito de Milão, em 313 d.C., que concedeu liberdade religiosa aos cristãos, passando pela convocação do Concílio de Niceia, em 325 d.C., até seu batismo pouco antes da morte, Constantino moldou profundamente os rumos do cristianismo e da política imperial.

Entretanto, permanece uma pergunta crucial e controversa: Constantino converteu-se sinceramente ao cristianismo ou teria se apropriado da religião como uma ferramenta de estabilidade e poder político? Alguns teólogos e historiadores o consideram um verdadeiro convertido, influenciado por experiências espirituais pessoais e conselhos de líderes cristãos da época. Outros, porém, enxergam sua “conversão” como um movimento estratégico para unificar o império sob uma nova base ideológica, diante de tensões internas e conflitos religiosos.

Este artigo propõe-se a examinar as evidências históricas, os gestos simbólicos e as políticas implementadas por Constantino, buscando entender se sua adoção do cristianismo foi resultado de uma transformação espiritual autêntica ou de uma manobra astuta para consolidar o poder. Ao fazer isso, pretende-se contribuir para elucidar uma das questões mais debatidas da transição entre o mundo romano pagão e o cristianismo imperial, um processo que envolveu não apenas mudanças religiosas, mas também profundas transformações culturais, políticas e sociais.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DAS PERSEGUIÇÕES ROMANAS AOS CRISTÃOS

O relato bíblico das palavras de Jesus Cristo, no evangelho de Mateus diz: “Então sereis entregues à tortura e vos matarão; e sereis odiados por todas as nações por causa do meu nome”.² Jesus estava plenamente certo de que seus seguidores haveriam de ser difamados, perseguidos, levados perante os tribunais e pagarem até com a vida o preço de sua fidelidade ao Evangelho.³ Porém, os maiores inimigos de Jesus não foram os pagãos, mas os grupos religiosos radicais que não o aceitaram como Messias. Dentre eles estão os escribas, os saduceus e os fariseus.⁴

Na palestina, o território judeu era apenas mais um de tantos ocupado pelo iminente inimigo do cristianismo, o império romano. A política romana era tolerante e permitia a existência de muitas religiões e a adoração de inumeráveis deuses.⁵ E cada religião podia ser mantida em sincretismo com qualquer outra. Era possível aderir a todas, se tivesse dinheiro.⁶ O que não podia ser admitido era o ateísmo, uma atitude desafiante para com os deuses.⁷

Com certo grau de suspeita, as pessoas olhavam os cristãos e sua recusa em participar de qualquer observância religiosa que não as deles próprios. Quando ocorriam desastres, elas apressavam-se em culpar os ímpios cristãos por irritarem seus deuses.⁸ Os cristãos eram considerados como ateus, porque não possuíam templos, nem altares, nem vítimas, nem sacerdotes, nem pompa alguma na qual o povo julgava consistir na essência da religião.⁹ O entendimento equivocado sobre o significado de “comer e beber” os elementos que representavam o corpo e o sangue de Cristo geraram rumores de que os cristãos matavam e comiam crianças em sacrifício ao seu Deus.¹⁰

As autoridades religiosas judaicas logo perceberam que o cristianismo representava uma ameaça a suas prerrogativas como intérpretes e sacerdotes da lei, e por isso juntaram suas forças para combatê-lo.¹¹ Assim que o Cristianismo foi distinguido do Judaísmo como seita separada e pode ser classificado como sociedade secreta, ele recebeu a interdição do Estado Romano, que não admitia nenhum rival à obediência por parte de seus súditos.¹² Mais

² ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 871

³ SALVADOR, José Gonçalves. **Clemente Romano**: bispo de Roma, no fim da era apostólica. São Paulo: Imprensa Metodista, 1959, p. 49.

⁴ CECHINATO, Luiz. **Os vinte séculos de caminhada da igreja**: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 23.

⁵ FAYARD, Marcelo I. **Liberdade religiosa**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1968, p. 36.

⁶ COLLINS, Michael. **História do cristianismo**: 2000 anos de fé. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1999, 240 p. 36.

⁷ FAYARD, 1968, p. 36.

⁸ COLLINS, 1999, p. 38.

⁹ FAYARD, 1968, p. 37.

¹⁰ CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 75.

¹¹ CAIRNS, 2008, p. 49.

¹² CAIRNS, 2008, p. 73.

tarde, a perseguição tomou cunho mais político. Herodes matou Tiago e prendeu Pedro nesse período de perseguição.¹³

A igreja foi perseguida durante dois séculos e meio: de Nero até a conversão de Constantino (ano 312). Mas no meio desse tempo houve períodos de relativa paz. Alguns imperadores seguiram a lei de Trajano: “Não se buscam os cristãos, mas quem for denunciado deve abandonar a fé, sob pena de morte”.¹⁴

1.1 As perseguições na Era Apostólica (33 d.C. a 100 d.C.)

Durante o reinado do imperador Tibério (14 a 37 d.C.) aconteceu o martírio de Estevão.¹⁵ Testemunhos falsos, que não podiam resistir ao espírito e a lógica com que ele falava, obrigaram Estevão a comparecer diante do Sinédrio para responder por suas “ofensas”. Após um inflamado discurso em que censurou os líderes judeus por terem rejeitado a Cristo, foi retirado e apedrejado até a morte.¹⁶

Calígula foi um dos mais cruéis imperadores romanos. Eleito pelo senado como sucessor de Tibério, chegou a mandar colocar uma estátua sua no templo de Jerusalém, o que só não aconteceu porque ele morreu antes, assassinado por um de seus tribunos. Não é difícil imaginar o quão dura foi a vida de judeus e cristãos convictos nesta época.¹⁷

No reinado do imperador Caio, houve o martírio de Tiago, o Grande, no ano 42 d.C.¹⁸ Ao ver que isto agradou a seus súditos fez encarcerar também Pedro, que escapou milagrosamente.¹⁹ Tiago, o Justo, foi martirizado no ano de 52 d.C. durante o reinado do imperador Claudio, que promulgou a expulsão todos os judeus que habitavam em Roma.²⁰

No total, houve dez perseguições oficiais, isto é, perseguições patrocinadas pelo Estado Romano.²¹ As principais foram promovidas pelo imperador Nero, entre 64 e 68 que ocorreu apenas em Roma e adjacências, depois do grande incêndio de Roma em 64 d.C., na qual, segundo a tradição, Pedro e Paulo foram martirizados.²² Depois que Nero conseguiu fazer o povo crer que a culpa do incêndio de Roma recaía sobre os cristãos, então começou a matança dos membros da Igreja, tachados de “inimigos da humanidade”.²³ Muitos cristãos sofreram condenações, muitos eram dilacerados por cães até a morte, outros presos a cruzes e queimados para servir como lâmpadas à noite no jardim do imperador.²⁴

¹³ CAIRNS, 2008, p. 49.

¹⁴ CECHINATO, 1996, p. 65.

¹⁵ FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 36.

¹⁶ CAIRNS, 2008, p. 49.

¹⁷ GUSSO, Antônio Renato. **Panorama histórico de Israel para estudantes da Bíblia**. Curitiba: AD Santos Editora, 2006, p. 200.

¹⁸ FERREIRA, 2013, p. 36.

¹⁹ GONZÁLEZ, Justo L. **E até os confins da terra: uma história ilustrada do Cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 35.

²⁰ FERREIRA, 2013, p. 36.

²¹ FERREIRA, 2013, p. 35.

²² FERREIRA, 2013, p. 36.

²³ CECHINATO, 1996, p. 42.

²⁴ COLLINS, 1999, p. 39.

Domiciano (81-96 d.C.) construiu templos às antigas divindades romanos e suprimiu as religiões estrangeiras.²⁵ Deu a si mesmo o título de “Dominus et Deus” (Senhor e Deus). Quem não lhe prestasse culto seria punido.²⁶ Centrados em Roma e na Ásia menor, os cristãos foram perseguidos, entre 95 e 96 d.C., por se recusarem a prestar culto ao imperador.²⁷ Também haviam se recusado a pagar um imposto público criado para a manutenção do Templo de Júpiter Capitolino.²⁸ Nessa época, João foi exilado na ilha de Patmos e Clemente Romano foi martirizado.²⁹

1.2 As perseguições pós Era Apostólica (100 d.C. a 313 d.C.)

Inácio, bispo de Antioquia foi martirizado no governo de Trajano (98-117). Em sua viagem até Roma, aproveitou o tempo para escrever sete cartas às comunidades cristãs, animando-as na fé. Numa dessas cartas Inácio diz que vai ser o “trigo moído pelos dentes das feras” em feliz oferta a Deus. E assim morreu, diante de um numeroso público no ano 107.³⁰

Em 155, uma perseguição severa foi movida pelo imperador Antonino Pio e, nessa época, Policarpo, bispo de Esmirna foi morto.³¹ Durante seu julgamento diante do procônsul romano, ele disse que não poderia falar mal do Cristo a quem tinha servido por 86 anos e que nunca lhe fizera mal. Acabou sendo queimado numa estaca.³²

Marcos Aurélio foi imperador entre 161-180 e executou muitos cristãos na África, na França e na Ásia Menor, como Justino e Apolônio.³³ Durante os primeiros anos do seu reinado, as invasões, inundações, epidemias e outros desastres pareciam suceder uns aos outros sem trégua alguma. Logo, ocorreu a voz de que tudo isto se devia aos cristãos, que haviam atraído sobre o império a ira dos deuses, e se desatou então a perseguição.³⁴ Sétimo Severo, entre 193 e 211 d.C. decretou que era proibido tornar-se judeu ou cristão.³⁵ Para acabar com a Igreja, determinou que não houvesse nem catequistas nem catecúmenos. Alguns mártires notáveis de seu tempo foram Perpétua, Felicidade e Clemente de Alexandria.³⁶

Os cristãos foram considerados uma perigosa ameaça ao Estado por causa de seu rápido crescimento numérico e por sua aparente tentativa de se constituírem num estado dentro do Estado.³⁷ Assim, entre 250 e 251 d.C. aconteceu a primeira perseguição em todo o império. O então imperador, Décio, queria uma religião no império, portanto requereu que todos

²⁵ GUSSO, 2006, p. 202.

²⁶ CECHINATO, 1996, p. 65.

²⁷ FERREIRA, 2013, p. 36.

²⁸ CAIRNS, 2008, p. 77.

²⁹ FERREIRA, 2013, p. 36.

³⁰ CECHINATO, 1996, p. 49.

³¹ FERREIRA, 2013, p. 35.

³² CAIRNS, 2008, p. 63.

³³ CECHINATO, 1996, p. 65.

³⁴ GONZÁLEZ, 1995, P. 74.

³⁵ FERREIRA, 2013, p. 36.

³⁶ CECHINATO, 1996, p. 65.

³⁷ CAIRNS, 2008, p. 78.

tivessem um certificado de sacrifício (libelli³⁸) ao imperador.³⁹ Quem não possuísse esse documento estava sujeito a tortura e execução. Entre suas vítimas estiveram os bispos de Roma, Antioquia e Jerusalém.⁴⁰ No ano de 253 d.C., o imperador Valeriano II diminuiu a perseguição deciana, mas em 257 proibiu reuniões cristãs nos cemitérios, suas propriedades foram confiscadas e, em 258, ordenou a execução dos clérigos.⁴¹

Dioclesiano, líder militar forte, chegou ao trono imperial no fim de um século marcado pela desordem política no Império Romano. Ele concluiu que somente uma monarquia forte salvaria o Império e sua cultura clássica.⁴² Em seu reinado (284 a 305 d.C.), este foi tolerante com os cristãos durante vinte anos, pois sua esposa e filha provavelmente eram cristãos. Galério, o César (imperador auxiliar) opunha-se ferozmente aos cristãos⁴³ e realizou uma perseguição final em todo o império; um edito em que ordenou a destruição dos edifícios onde as igrejas se reuniam e das cópias das Escrituras; os cristãos que entregavam as Escrituras eram chamados “traidores”.⁴⁴

Depois de outros períodos de perseguição, Galério, em seu leito de morte, promulgou um edito em 311 que estabelecia a tolerância ao cristianismo, desde que os cristãos não violassem a paz do Império.⁴⁵ Em 313, com o Editto de Milão, houve liberdade de culto assegurada à igreja cristã em todo o império.⁴⁶

2. ASCENSÃO E CONVERSÃO DE CONSTANTINO

No início do século quarto, o Cristianismo já estava espalhado por quase todo o mundo. E havia penetrado até na classe nobre. Basta dizer que Helena, mãe de Constantino, era cristã. Os imperadores romanos haviam percebido que o poder das armas não conseguia extinguir o poder da fé.⁴⁷

Filho do tolerante imperador Constâncio Cloro e de sua esposa cristã Helena, Constantino, o Grande sucedeu ao pai como co-imperador da parte oriental do Império romano.⁴⁸ Nasceu em 274 e faleceu em 337. Foi imperador durante 31 anos: de 306 a 337.⁴⁹ Constantino restaurou o império de forma surpreendente, não tendo como base a religião pagã, mas o cristianismo.⁵⁰

³⁸ Ou libellus. Atestado de obediência a todo aquele que oferecesse sacrifício a uma imagem do imperador.

³⁹ FERREIRA, 2013, p. 36.

⁴⁰ COLLINS, 1999, p. 53.

⁴¹ FERREIRA, 2013, p. 36.

⁴² CAIRNS, 2008, p. 79.

⁴³ COLLINS, 1999, p. 54.

⁴⁴ FERREIRA, 2013, p. 36.

⁴⁵ CAIRNS, 2008, p. 80.

⁴⁶ FERREIRA, 2013, p. 36.

⁴⁷ CECHINATO, 1996, p. 73.

⁴⁸ COLLINS, 1999, p. 58.

⁴⁹ CECHINATO, 1996, p. 75.

⁵⁰ FERREIRA, 2013, p. 65.

Antes da batalha da Ponte Mílvia, em 312, Constantino teve uma visão de uma cruz de luz estampada contra o sol e viu uma frase em latim que dizia: “com este sinal vencerás”. O emblema cristão que adotou foi o símbolo Chi-Rho.⁵¹ Constantino se converteu, marcou os estandartes de suas legiões com o labarum, formado pelas duas primeiras letras gregas do nome de Cristo, “x” e “p”, e venceu.⁵²

Muitos historiadores colocaram em dúvida ou redimensionaram a veracidade do episódio. Talvez os soldados de Constantino, provenientes da Gália, usassem um símbolo solar no escudo, que poderia ser confundido com a cruz cristã. É possível imaginar que Constantino tenha aproveitado a ocasião para testar a eficácia da nova religião.⁵³ Em 313, ele e Licínio, que reinava sobre o Oriente, promulgaram o Édito de Milão, na época a capital imperial. Com isso, todas as perseguições aos cristãos no império foram encerradas e a partir de então os cristãos tiveram liberdade de culto.⁵⁴

2.1 Conversão de Constantino: um ato de fé

Com a conversão de Constantino e a liberdade religiosa, a igreja teve grandes mudanças. O imperador passou de inimigo para amigo, de perseguidor para protetor dos cristãos. Bispos e padres, passaram a gozar de privilégios; os cristãos, que antes eram proibidos de ocupar cargos públicos, foram elevados a postos de liderança no governo do Império.⁵⁵

Ainda que tenha sido batizado pouco antes de morrer, a partir de sua conversão a Cristo, o imperador passou a ter deveres para com o Cristianismo: Constantino deu apoio financeiro à igreja, construiu basílicas, concedeu privilégios ao clero (por exemplo, isenção de impostos), instituiu leis inspiradas pela fé protegendo crianças, escravos, aldeões e prisioneiros, promoveu cristãos a cargos importantes, estabeleceu o domingo como dia de repouso semanal, devolveu os bens confiscados durante a perseguição de Diocleciano e lutou pela unidade da igreja. Não utilizou a fé cristã, mas serviu-a. E essa conversão mudou os rumos da igreja e da história do Ocidente.⁵⁶

Constantino convocou o primeiro concílio doutrinal da igreja, realizado na cidade de Niceia, na Ásia Menor, em 325. Cerca de trezentos bispos e mil e quinhentos auxiliares, elaboraram o Credo de Nicéia. Este credo expressa precisamente a doutrina bíblica da Trindade contra o arianismo. Constantino abriu a sessão na condição de presidente de honra e, depois, assistiu às sessões posteriores.⁵⁷

Os historiadores contemporâneos garantem que a adesão ao cristianismo de Constantino foi convicta e sincera, e é provável que seja verdade, se levar em consideração

⁵¹ COLLINS, 1999, p. 58.

⁵² FERREIRA, 2013, p. 65.

⁵³ FO, Jacopo. **O livro Nero do cristianismo: dois mil anos de crimes em nome de Deus.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, p. 38.

⁵⁴ FERREIRA, 2013, p. 65.

⁵⁵ CECHINATO, 1996, p. 76.

⁵⁶ FERREIRA, 2013, p. 65.

⁵⁷ FERREIRA, 2013, p. 67.

que as concessões religiosas de um oficial romano da época eram bem diferentes. Constantino, quando proclama o Edito de Milão, realiza uma operação muito simples: como os velhos deuses não funcionavam mais, pensa em substituir o velho Panteão pelo Deus dos cristãos, e, ao perceber que o motor volta a funcionar a pleno vapor, se converte.⁵⁸

É certo que Deus usou Constantino para fazer com que as coisas acontecessem para a igreja. O imperador afirmou e assegurou a tolerância oficial à fé. Ao fazer isso, porém, ele seguiu os passos do moribundo Galério. Assim, a batalha contra a perseguição romano foi vencida, em certo sentido, não na ponte Mílvia, mas nas arenas em que os cristãos entraram para enfrentar bravamente a morte.⁵⁹

2.2 Conversão de Constantino: uma estratégia política

Constantino tinha sido educado na corte de Diocleciano, que foi o maior perseguidor da Igreja. Sua cabeça e seu coração eram de pagão. Ele trazia dentro de si uma longa história de hostilidade à fé em Cristo, uma estrutura de vida pagã baseada no maior império do mundo.⁶⁰

Embora a visão antes da batalha da ponte Mílvia possa ter ocorrido, é evidente que o favorecimento da Igreja por Constantino foi um expediente seu. A Igreja poderia servir como um novo centro de unidade e salvar a cultura clássica e o Império.⁶¹ Como imperador do Oriente e do Ocidente, Constantino reformou as estruturas do império. Concedeu novo status aos bispos, equiparados aos senadores, tornando-os quase funcionários do Estado.⁶²

Apesar dessas políticas, as práticas pagãs e o comportamento imoral ainda persistiam. Ao inaugurar, em 330, a construção de sua nova capital, Constantinopla, o fez com cerimônias pagãs, acompanhado do filósofo neoplatônico Sopáter.⁶³

O próprio Constantino, pouco antes de morrer, em Constantinopla, no ano 337, mandou estrangular a mulher e o filho mais velho, sob acusação de conspiração.⁶⁴ No mesmo ano, condenou à morte também Liciniano, filho de sua irmã Constância e de Licínio.⁶⁵ O fato de ter protelado o seu batismo até pouco antes da morte e de manter sua posição Pontifex Maximus, sacerdote principal da religião pagã do Estado, parecem apoiar essa ideia.⁶⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constantino agiu de forma diferente dos imperadores anteriores. Ao invés de perseguir os cristãos, ele usou os seguidores de Jesus a seu favor. Eles eram muito leais à sua fé e eram

⁵⁸ FO, 2007, p. 40.

⁵⁹ CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. São Paulo: Vida, 2003, p. 38.

⁶⁰ CECHINATO, 1996, p. 74.

⁶¹ CAIRNS, 2008, p. 105.

⁶² COLLINS, 1999, p. 58.

⁶³ FAYARD, 1968, p. 60.

⁶⁴ COLLINS, 1999, p. 59.

⁶⁵ FO, 2007, p. 37.

⁶⁶ CAIRNS, 2008, p. 105.

liderados pelo bispo local. Então, bastava o imperador comandar os bispos, assim controlaria toda a comunidade cristã.

A liberdade religiosa foi fruto de negociações entre bispos e o imperador. Com Constantino ocorreu o noivado entre a fé cristã e a política romana. E, com Teodósio, o casamento foi consumado. A conversão ao cristianismo não foi uma escolha, foi uma imposição do Império Romano. Houve grupos cristãos que tentaram manter a sua fé e não aceitaram seguir as doutrinas imperiais que influenciaram o cristianismo. Porém, esses grupos foram considerados hereges e perseguidos pela igreja imperial.

A conversão de Constantino foi um marco na história, mas permanece uma questão debatida. Seu apoio ao cristianismo pode ter sido motivado por uma fé genuína, mas também foi uma estratégia inteligente para unir o império, controlar conflitos religiosos e consolidar sua autoridade. Independentemente de sua intenção, seu papel foi decisivo para a ascensão do cristianismo como a religião dominante no Ocidente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida Nova, 2011

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CECHINATO, Luiz. **Os vinte séculos de caminhada da Igreja: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II**. Petrópolis: Vozes, 1996.

COLLINS, Michael. **História do cristianismo: 2000 anos de fé**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1999.

CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**. São Paulo: Vida, 2003.

FAYARD, Marcelo I. **Liberdade religiosa**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1968.

FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

FO, Jacopo. **O livro Nero do cristianismo: dois mil anos de crimes em nome de Deus**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até os confins da terra: uma história ilustrada do Cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GUSSO, Antônio Renato. **Panorama histórico de Israel para estudantes da Bíblia**. Curitiba: ADSantos, 2006.

SALVADOR, José Gonçalves. **Clemente Romano: bispo de Roma, no fim da era apostólica**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1959.